

A ELEVAÇÃO VARIÁVEL DE /E/ EM FLORES DA CUNHA-RS

Natália Brambatti GUZZO¹

ABSTRACT: *The variable raising of the unstressed mid front vowel /e/, in contexts such as cidade::cidadí (city) and segunda::sigunda (second), was studied in the speech of 32 informants from Flores da Cunha (RS, Brazil). The process was analyzed quantitatively, according to Labov's (1994, 2008 [1972]) Theory of Language Variation. 25708 contexts were obtained, and /e/ was raised in 50,7% of them. The phenomenon is favorably conditioned by the factors syllable without onset, syllable with coda, high vowel in the following syllable, /e/ in clitics, preceding velar consonant or no preceding context, following vowel or no following context, informants who live in the city (not in the rural areas) and age between 18 and 30 years old.*

KEYWORDS: *language variation; raising of /e/; linguistic and social variables.*

1. Introdução

A elevação da vogal média anterior átona (/e/) é a passagem de /e/ para [i] em contextos como *pedido::pidido* e *nome::nomi*. Segundo Noll (2008), é uma realização fonológica que, no português brasileiro, distingue regiões. Em final de palavra, a elevação de /e/ é quase categórica em várias regiões brasileiras, como Rio de Janeiro (CÂMARA Jr., 2000 [1970]), Porto Alegre e Florianópolis (VIEIRA, 2002). Já em posição pretônica, a frequência de aplicação da regra é menor, sendo inferior a 50% em municípios da região Sul do País (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; SCHWINDT, 2002; CASAGRANDE, 2003; KLUNCK, 2007). Em estudos realizados com dados de informantes da Região de Colonização Italiana (RCI), área onde há contato português-fala dialetal italiana e onde se situa Flores da Cunha, localidade em que residem os informantes deste estudo, a elevação das vogais médias obteve índices baixos de aplicação (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; ROVEDA, 1998; VIEIRA, 2002).

A realização da vogal média sem elevação constitui traço da comunidade, identificando o falar *gringo*, isto é, o falar do descendente de imigrantes italianos. Este estudo, realizado a partir de dados obtidos de 32 entrevistas sociolinguísticas de Flores da Cunha do Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha (BDSer), objetiva medir a frequência de aplicação da regra nessa comunidade e verificar os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos do processo de elevação. A análise fundamenta-se na Teoria da Variação Linguística, de Labov (1994, 2008 [1972]).

2. Flores da Cunha: história e localização

Flores da Cunha localiza-se na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, na RCI. Limita-se a Norte/Oeste com Antônio Prado, Nova Roma do Sul e Nova Pádua, a Norte/Nordeste com São Marcos, a Sul/Sudoeste com Farroupilha e a Sul/Sudeste com Caxias do Sul. Segundo dados de 2009 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que Flores da Cunha tenha 26.695 habitantes. O município possui área de 272,66 km², dista 150 km da capital do Estado, Porto Alegre, e cerca de 15 km de Caxias do Sul.

¹ Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade; Universidade de Caxias do Sul.



Fig. 1 – Localização de Flores da Cunha no Estado e no País (disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Flores_da_cunha. Acesso em 10 de janeiro de 2010.)

Os primeiros imigrantes a se instalarem na área em que hoje se localiza o município de Flores da Cunha chegaram à região em 1877, vindos da Itália. À nova comunidade foi dado o nome de Nova Trento. Segundo Manfroi (1975), Nova Trento compreendia o território da décima primeira à décima quinta légua da Colônia Caxias. Após a elevação da Colônia Caxias a município, Nova Trento passou a ser seu segundo distrito.

Nova Trento tornou-se município em 1924, e em 1935 passou a chamar-se Flores de Cunha, em homenagem ao político rio-grandense José Antônio Flores da Cunha, que havia prometido estender ao município a estrada de ferro que ligava Caxias a Porto Alegre.

Hoje, o município destaca-se pela produção de uva, maçã e hortigranjeiros, como alho, cebola e tomate. Flores da Cunha possui ainda muitos aviários, embora o que de fato a destaque nacionalmente seja a produção de vinhos e de móveis.

Segundo Frosi e Mioranza (1975), em Flores da Cunha, assim como nas outras localidades da RCI, a ocupação das terras não obedeceu a nenhum critério étnico-linguístico, e os imigrantes foram destinados aos lotes de acordo com sua ordem de chegada. Isso fez com que os dialetos italianos se mesclassem e surgisse um supradialeto, denominado por esses autores de *koiné* vêneta, pois nela predominavam aspectos deste dialeto, o mais comum na RCI.

A *koiné* vêneta é ainda muito falada em Flores da Cunha, especialmente na zona rural. O contato ainda frequente com o falar italiano regional pode contribuir para que, na comunidade, algumas características dialetais se mantenham, o que se transfere ao português com a preservação do /e/ átono, por exemplo.

Na seção a seguir, se verá que a elevação do /e/ átono é um processo que se aplica em grandes proporções no português brasileiro em certas comunidades. Mas em Flores da Cunha, como em outras comunidades do Rio Grande do Sul, o processo parece estar sendo refreado, o que acaba peculiarizando a fala local.

3. Revisão de literatura

Embora numerosos, os estudos que analisam a variação da vogal média anterior átona consideram normalmente apenas uma posição da vogal com relação à sílaba tônica. Sendo assim, há estudos de elevação de /e/ em posição pretônica ou postônica (final ou não final) ou em clíticos. São revisados, nesta seção, estudos realizados com dados de municípios do Rio Grande do Sul e da região Sul do País.

Bisol (1981) investigou a elevação das vogais médias átonas em posição pretônica na fala de 32 informantes gaúchos: 8 monolíngues de Porto Alegre, 8 bilíngues português-alemão de Taquara, 8 bilíngues português-italiano da comunidade de Monte Bérico (Veranópolis) e 8 monolíngues de Santana do Livramento. Uma amostra suplementar, formada por 12 informantes metropolitanos com ensino superior, também foi utilizada. A autora desconsiderou os contextos em que /e/ e /o/ estivessem em posição inicial absoluta, uma vez que, especialmente no caso de /e/, a elevação parece ser categórica quando na coda silábica encontra-se /N/ ou /S/ (caso de palavras como *escola* e *ensino*), contextos de hiato (como *teatro*) e palavras com prefixo (como *reconhecer*).

A elevação de /e/, na fala popular, atingiu 22%, e, na fala culta, 21%. O fator nasalidade mostrou-se favorável ao fenômeno, bem como o fato de haver vogal tônica homorgânica, vogais altas contíguas e sequência de vogais altas. Palavras de base variável, atonicidade permanente (da sílaba em que está a vogal elevável), sufixos verbais e ausência de sufixo favorecem a aplicação da regra. A elevação de /e/ é favorecida por consoante velar precedente e seguinte, por consoante palatal seguinte e em situações de fala livre. Quanto à variável Idade, os resultados obtidos indicam que a regra é desfavorecida pelos mais jovens, o que permitiria afirmar que a elevação de /e/ pretônico possa estar em processo de regressão. Os italianos de Monte Bérico tiveram percentual de elevação de 24% para /e/, ficando atrás apenas dos metropolitanos.

Casagrande (2003) retomou o estudo de Bisol (1981) e realizou análise da elevação das vogais médias em posição pretônica por meio de estudo de painel, quando os informantes de uma pesquisa são recontatados após certo período de tempo, e estudo de tendência, quando se constitui uma amostra semelhante àquela usada em um trabalho anterior (LABOV, 1994).

No estudo de painel, realizado com dados de seis informantes, nenhum dos entrevistados apresentou uma rígida estabilidade de uma época para outra. Os percentuais de aplicação, para as duas vogais e entre todos os informantes, chegaram a oscilar entre 5% e 24%, e apenas os mais velhos pareceram ter passado a aplicar mais a regra. Registrou-se progressão da elevação de /e/ na faixa etária mais avançada (70 anos), regressão na faixa intermediária (60 anos), e estabilidade na faixa mais jovem (50 anos).

No estudo de tendência, com dados de 12 informantes, o percentual de elevação de /e/ foi de 15%, 7% inferior ao encontrado por Bisol (1981), considerando-se a amostra de fala popular. Os resultados de Casagrande (2003) apontam para redução do alçamento de /e/ na fala das faixas etárias mais jovens, o que permite inferir que a regra está em processo de regressão. As mulheres aplicam mais a regra, e a elevação de /e/ é favorecida por tônica alta adjacente, átona alta adjacente, consoantes velares seguintes, vogal-alvo átona permanente ou átona casual, vogal-alvo nasal e vocábulos de base variável.

Battisti (1993), ao investigar a elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial na fala do Rio Grande do Sul, selecionou 35 informantes: 7 metropolitanos, 7 italianos (de Monte Bérico), 7 alemães (de Taquara), 7 fronteiriços (de Santana do Livramento) e 7 metropolitanos com ensino superior (amostra suplementar). Na fala dos italianos, a elevação de /e/ chegou a 40% e é favorecida pela ausência de *onset* silábico, por consoantes dorsal e palatal precedentes, consoantes palatal, sibilante e nasal seguintes, vogal alta na sílaba

seguinte, sílaba pesada e contextos com prefixo. O alto percentual de elevação da vogal anterior em prefixos pode dever-se ao fato de o prefixo *des-* ser predominante nos dados obtidos.

Schwindt (2002) investigou a harmonização vocálica no Rio Grande do Sul, tendo como base os dados do banco VARSUL e utilizando-se de contextos retirados da fala de 64 informantes divididos igualmente entre Porto Alegre, São Borja (fronteiriços), Panambi (alemães) e Flores da Cunha (italianos). Foram considerados somente os contextos em que havia vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica elevável, uma vez que o processo de harmonização vocálica consiste na elevação das vogais médias átonas “por influência de uma vogal alta em sílaba subsequente (pepino~pipino, sobrinho~subrinho)” (SCHWINDT, 2002, p.161).

Em Flores da Cunha, a frequência de harmonização vocálica para /e/ foi de 40%, ao passo que em Porto Alegre foi de 38%, em São Borja foi de 35% e em Panambi foi de 33%. Schwindt (2002) considera que são fatores linguísticos os principais condicionadores da harmonização vocálica. Além da presença de vogal alta em sílaba seguinte, condicionaram favoravelmente a contiguidade da vogal alta, a não nasalidade da vogal alvo, consoantes labiais e velares e pausa no contexto precedente, consoantes velares e alveolares sibilantes no contexto seguinte, e o fato de a vogal alta encontrar-se em sílaba tônica e em raiz ou sufixo verbal.

Klunck (2007) investigou o alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente na fala de 24 informantes de Porto Alegre. Para isso, desconsiderou contextos com vogal alta em sílaba subsequente, /eN/, /eS/ e prefixo *des-* iniciais e vogais em sequências formando ditongo ou hiato. A elevação de /e/ atingiu 4%. Segundo a autora, a análise dos dados revelou que a elevação ocorria principalmente em certos grupos de palavras, o que influenciou os resultados obtidos e comprometeu a regularidade do estudo. Quando não há vogal alta na sílaba seguinte, a elevação das médias pretônicas parece estar restrita a alguns grupos de palavras (como *governo*, *governador*, e *senhor*, *senhoria*) e é mais comum com /o/ do que com /e/. A elevação, nesses grupos de palavras, parece envolver todo o paradigma lexical e, por esse motivo, caracteriza-se como um caso de difusão lexical, ou seja, a mudança sonora é implementada de forma foneticamente abrupta e lexicalmente gradual, de modo que vai atingindo certos grupos de palavras, até completar-se (LABOV, 1994).

Roveda (1998) analisou a realização das vogais médias em posição átona final. Para isso, utilizou dados de fala de 48 informantes do Projeto VARSUL, divididos igualmente entre Porto Alegre, Florianópolis (falantes monolíngues), Flores da Cunha e Chapecó (SC) (falantes bilíngues português-italiano). A frequência de elevação da vogal /e/ final foi de 100% em Florianópolis, 99% em Porto Alegre, 71% em Chapecó e 64% em Flores da Cunha. Percebe-se, pois, que são falantes bilíngues os que menos alçam a vogal átona final.

Para a autora, a presença de fricativas e nasais na coda silábica condiciona favoravelmente a aplicação da regra. Em contexto precedente, são favoráveis, para a elevação de /e/, as consoantes palatais e dorsais. Segmentos com juntura (como *noite escura*) também são favoráveis à aplicação da regra. Roveda (1998) afirma que escolaridade não é um grupo de fatores relevante para a análise, ao passo que a etnia, relacionada ao local de residência e à origem dos informantes, é a variável social de maior relevância para o estudo. Quanto à faixa etária, falantes mais jovens condicionam favoravelmente a aplicação da regra, o que mostra que o fenômeno linguístico analisado é mudança em progresso.

A fim de analisar a realização das vogais médias em posição átona final e postônica não final na fala da região Sul do Brasil, Vieira (2002) utilizou dados de fala de oito informantes de cada um dos municípios contemplados pelo Projeto VARSUL: Porto Alegre, São Borja, Panambi e Flores da Cunha (RS); Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages

(SC); e Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati (PR), totalizando 96 entrevistados. O município de residência não foi considerado como variável relevante no estudo do /e/ postônico não final, embora o fator Rio Grande do Sul tenha sido considerado favorecedor. A frequência de aplicação da elevação de /e/ não final foi de 79% em todo o Rio Grande do Sul; em Flores da Cunha, foi de apenas 58%, ao passo que em Porto Alegre a frequência foi 98%, em São Borja 72% e em Panambi 76%.

A elevação de /e/ postônico não final, para Vieira (2002), é favorecida pelas consoantes fricativas /s, z/ precedentes, ao passo que é desfavorecida por segmentos coronais no mesmo contexto. Outro fator que favorece a elevação nessa posição é a presença de vogal alta na palavra. Para a elevação de /e/ final, verificou-se que o tipo de sílaba é uma variável relevante. Sílabas fechadas por soante apresentam tendência à preservação das vogais médias, enquanto que sílabas fechadas por fricativa /s/ mostram-se favoráveis à elevação. O fato de a palavra possuir vogal alta também contribui para a elevação de /e/ final.

Silva (2009) investigou o alçamento das vogais médias postônicas finais e não finais na fala de 14 informantes de Rincão Vermelho, distrito rural do município de Roque Gonzales, localizado na região noroeste do Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina. A elevação de /e/ final ocorreu em 16,7% dos contextos e foi condicionada favoravelmente por consoante coronal [-anterior], dorsal ou labial no contexto precedente, palavra com vogal tônica alta, sílaba com coda em /S/, vogal no contexto seguinte, numerais, advérbios e verbos e informantes do sexo masculino, com ensino superior.

A autora analisou conjuntamente as vogais /e/ e /o/ em posição postônica não final, em virtude de o número de contextos obtidos não ter sido abundante. Nessa posição, a autora constatou que /e/ eleva-se em 28,7% dos casos. Os fatores que condicionam favoravelmente o alçamento das vogais médias em proparoxítonos são consoante dorsal/coronal [-anterior] ou labial no contexto precedente, consoante dorsal seguinte, palavra com vogal tônica alta, postônica localizada no sufixo da palavra, entrevista de experiência pessoal e informantes do sexo masculino. A autora afirma que os condicionadores linguísticos e sociais são mais influentes para a elevação das vogais finais do que para a das não finais. O comportamento das postônicas não finais, para Silva (2009), parece estar condicionado lexicalmente, uma vez que alguns vocábulos apresentam índices altos (ou mesmo completos) de elevação ou preservação da vogal média.

A elevação das vogais /e/ e /o/ nos clíticos pronominais *me, te, se, lhe(s), o(s), nos* e *-lo(s)* foi investigada por Brisolara (2008) no português falado em Santana do Livramento, município localizado na fronteira Brasil-Uruguai, e em Porto Alegre. A amostra utilizada conta com 58 entrevistas sociolinguísticas, sendo que 22 são de Porto Alegre (gravadas em 1990), 22 de Santana do Livramento (gravadas entre 2003 e 2005) e outras 14 da localidade fronteiriça (obtidas em 1973). Segundo a autora, na variedade falada na região de Santana do Livramento, por influência do espanhol, é possível que as vogais médias presentes em clíticos não sofram elevação.

A frequência de aplicação da regra na capital gaúcha foi 95%. Em Porto Alegre, a elevação das vogais médias é favorecida pelos fatores *sem distância da sílaba tônica, vogal /o/ na sílaba da palavra seguinte* e *degeminação*. Na amostra de 1973 de Santana do Livramento, a frequência de elevação foi de 21%. Os fatores que favorecem a aplicação da regra são, neste caso, *degeminação* e *ditongação, vogal /u/ na sílaba da palavra seguinte* e *distância de duas ou três sílabas entre o clítico e a sílaba tônica*. Já na amostra de 2003-2005 de Santana do Livramento, a elevação atingiu 44%, e os fatores que a condicionam favoravelmente são *ditongação* e *degeminação, vogal média ou baixa na sílaba da palavra seguinte* e *distância de duas ou três sílabas entre o clítico e a tônica*. Para Brisolara (2008), o

aumento da frequência de aplicação da regra em Santana do Livramento (de 21% para 44%) indica que pode estar ocorrendo um processo de mudança linguística.

No presente estudo, espera-se que alguns dos fatores que favoreceram a elevação das vogais médias em outras localidades (e em Flores da Cunha) repitam seu papel condicionador. Deve-se ressaltar, porém, que nem sempre os fatores que condicionam a elevação das vogais pretônicas favorecem a elevação das postônicas ou das vogais médias em clíticos.

4. Método

A elevação de /e/ foi estudada quantitativamente de acordo com o método de análise de regra variável, proposto por Labov (1994, 2008 [1972]). Para o levantamento de contextos de elevação da vogal média anterior átona, foram ouvidas 32 entrevistas sociolinguísticas realizadas em Flores da Cunha entre os anos de 2006 e 2009. As gravações pertencem ao BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha – Universidade de Caxias do Sul), que contém 56 entrevistas de informantes de Flores da Cunha. Os entrevistados que fizeram parte deste estudo encaixam-se em células específicas, de acordo com a configuração da amostra do BDSer e com as variáveis extralinguísticas controladas. Sendo assim, com dois informantes para cada uma das 16 células, chegou-se ao total de 32 informantes. Devido à abundância de contextos de elevação de /e/ átono, foram ouvidos apenas os 30 minutos intermediários de cada entrevista, cada qual com duração total aproximada de 60 minutos.

Ao contrário de muitos estudos a respeito da elevação das vogais átonas, alguns contextos considerados de elevação categórica foram incluídos na análise. Sendo assim, também foram quantificadas palavras iniciadas por /eN/, /eS/ ou prefixo *des-* e palavras com hiato. A hipótese da pesquisa é que, por interferência do italiano (falado ou entendido pela maioria dos informantes), a elevação da vogal /e/ em palavras com esses contextos pode não ser categórica em Flores da Cunha.

Os dados obtidos foram codificados de acordo com as variáveis apresentadas a seguir. Os contextos foram submetidos ao programa Goldvarb X, do pacote VARBRUL, para tratamento estatístico. Os estudos revisados na seção anterior sugeriram as variáveis a serem consideradas neste estudo. A variável dependente é o próprio fenômeno analisado, ou seja, é a elevação da vogal média anterior átona. Já as variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas, são compostas por fatores que podem favorecer ou inibir o emprego das formas variantes.

4.1. Variáveis linguísticas

4.1.1 Presença de coda na sílaba

Nesta variável, os seguintes fatores foram controlados:

- a) Sílaba com coda: *chaves*, *ensino*;
- b) Sílaba sem coda: *chave*, *pedaço*.

Espera-se que a elevação seja favorecida por sílabas com coda. É possível que a presença de contextos em que a aplicação da regra é considerada categórica (/e/ seguido de coda /S/ ou /N/ e prefixo *des-*) contribua para que esse fator seja considerado favorecedor.

4.1.2 Presença de *onset* na sílaba

A fim de verificar se a presença de ataque na sílaba exerce algum tipo de influência sobre a realização das médias, controlaram-se os seguintes fatores nesta variável:

- a) Sílabas sem *onset*: *educação, ensino*;
- b) Sílabas com *onset*: *medida, onde*.

Prevê-se que o fator *sílabas sem onset* seja favorecedor à aplicação da regra, especialmente quando combinada ao fator *sílabas com coda*, da variável anteriormente apresentada.

4.1.3 Vogal da sílaba seguinte

Nesta variável, foram investigados os seguintes fatores:

- a) Vogal alta: *pedido, segunda*;
- b) Vogal média: *sereno, cebola*;
- c) Vogal baixa: *gelado, pedaço*;
- d) Zero: *gente, nome*.

A presença de vogal alta na sílaba imediatamente seguinte à da vogal média passível de elevação pode desencadear um processo assimilatório (harmonização vocálica) que elevaria a média /e/. Nos estudos de Bisol (1981), Battisti (1993) e Casagrande (2003), esse fator mostrou-se favorecedor.

4.1.4 Posição da vogal média na palavra

Considerando-se que a posição da sílaba em que está a vogal média anterior átona pode favorecer ou desfavorecer a aplicação da regra, nesta variável foram controlados os seguintes fatores:

- a) Pretônica inicial: *pedido, rebolado*;
- b) Pretônica medial: *alegria, apetite*;
- c) Postônica não final: *pêssego, número*;
- d) Postônica final: *nome, cidade*;
- e) Clítico: *me, de*.

Nos estudos revisados na seção anterior, o percentual de elevação de /e/ átono foi predominantemente maior em sílabas finais do que em sílabas pretônicas. Espera-se que a tendência a uma maior elevação da vogal /e/ em sílabas finais permaneça. No entanto, esta pesquisa também controla o fator clítico, o qual não foi analisado em muitos outros estudos e pode mostrar-se favorecedor ao alçamento de /e/.

4.1.5 Contexto fonológico precedente

Tendo em vista que o segmento imediatamente precedente ao /e/ átono pode exercer influência sobre sua elevação, foram controlados, nesta variável, os seguintes fatores:

- a) Consoante oclusiva alveolar: *terreno, cidade*;
- b) Consoante oclusiva labial: *pescoço, sabe*;
- c) Consoante oclusiva velar: *querido, grogue*;
- d) Consoante fricativa alveolar: *semente, trave*;
- e) Consoante fricativa alveopalatal: *garagem, chegar*;
- f) Consoante lateral: *lençol, mole*;
- g) Consoante lateral palatal: *mulherada, escolhe*;

- h) Consoante nasal: *medida, nenhum*;
- i) Vibrante: *carregar, torre*;
- j) Tepe: *precisar, cobre*;
- k) Consoante africada: *vinte (vintfi), cidade (cidadzi)*;
- l) Vogal: *coelhinho, me escreveu*;
- m) Zero: *elevador, ensino*.

Ao contrário dos estudos que classificaram os segmentos consonantais precedentes conforme seu ponto de articulação, o presente trabalho agrupa os fatores desta variável não apenas de acordo com seu ponto, mas também de acordo com seu modo de articulação. Presume-se que os fatores consoante oclusiva velar, consoante fricativa alveopalatal e zero sejam favorecedores à aplicação da regra, conforme o que foi verificado nos trabalhos de Bisol (1981), Battisti (1993), Roveda (1998) e Silva (2009). O comportamento das labiais nessa posição não foi uniforme entre os estudos revisados; a hipótese é que essas consoantes inibam a aplicação da regra.

4.1.6 Contexto fonológico seguinte

O segmento imediatamente posterior à vogal média átona também pode ter influência em sua elevação. Desse modo, esta variável contou com os seguintes fatores:

- a) Consoante oclusiva: *pepino, corredor*;
- b) Consoante fricativa alveolar: *esfregão, evento*;
- c) Consoante fricativa alveopalatal: *mexeu, gotejar*;
- d) Consoante lateral: *elemento, delicado*;
- e) Consoante lateral palatal: *velhote, melhor*;
- f) Consoante nasal: *veneno, semente*;
- g) Vibrante, tepe: *sereno, terreno*;
- h) Consoante africada: *dedilhar (dedzilhar), metido (metfido)*;
- i) Vogal: *teatro, atear*;
- j) Zero: *cidade, sempre*.

Espera-se que segmentos com articulação alta, tais como consoantes fricativas alveopalatais, laterais palatais e africadas, favoreçam a elevação de /e/. Vogal ou pausa (zero) em contexto seguinte também podem se mostrar favoráveis, a primeira devido ao fato de, juntamente com a vogal /e/, formar um hiato, e a segunda porque, na maioria das regiões brasileiras, a neutralização das médias átonas é categórica em posição de final de palavra. Contextos de hiato, por apresentarem elevação categórica ou quase categórica, foram excluídos de muitas pesquisas a respeito do alçamento das médias pretônicas, como as de Bisol (1981), Schwindt (2002) e Klunck (2007).

4.2 Variáveis extralinguísticas

4.2.1 Gênero

Partindo-se do pressuposto de que homens e mulheres possuem papéis sociais diferentes e adotam posturas diversas a respeito da variação, é possível que o gênero do informante exerça influência na escolha das formas linguísticas por ele adotadas. Embora a diferença entre os gêneros não se dê apenas por fatores biológicos, em estudos de variação é

comum que a variável gênero seja binária, para facilitar a obtenção e verificação dos resultados. Sendo assim, este grupo de fatores foi composto da seguinte maneira:

- a) Masculino;
- b) Feminino.

Já que na maioria das regiões brasileiras a neutralização das vogais postônicas finais é fenômeno inovador, quase categórico, espera-se que as mulheres em Flores da Cunha apliquem mais a regra de elevação do que os homens, uma vez que a tendência, na fala feminina, é a adoção, segundo Cheshire (2002), de formas socialmente prestigiadas ou inovadoras. Porém, considerando-se que a elevação das médias é um processo muito sutil, talvez os homens obtenham percentual de aplicação significativo. Por esse motivo, é possível ainda que nenhum dos gêneros controlados se mostre de fato favorecedor à elevação.

4.2.2 Idade

A variável Idade, neste estudo, contém os seguintes fatores:

- a) 18 a 30 anos;
- b) 31 a 50 anos;
- c) 51 a 70 anos;
- d) 71 ou mais anos.

Considerando-se que a elevação de /e/ é uma inovação em Flores da Cunha, o esperado é que os jovens apliquem mais essa regra. Os falantes idosos, muitas vezes bilíngues, podem apresentar índices de alçamento relativamente baixos, por influência da língua dialetal italiana. Espera-se que, nas faixas etárias intermediárias, o fator *31 a 50 anos* obtenha percentual de elevação superior ao do fator *51 a 70*.

4.2.3 Local de residência

Os municípios da RCI normalmente apresentam uma divisão entre zona urbana e zona rural, e há, em cada uma dessas localidades, bairros ou comunidades, os quais são considerados urbanos ou rurais de acordo com a zona em que se situam.

Partindo-se dos pressupostos de que (a) o bilinguismo português-dialetos italiano, por estar relacionado a práticas sociais tradicionais, é mais facilmente associado a falantes da zona rural de Flores da Cunha do que a indivíduos da zona urbana; (b) os sujeitos da zona urbana deslocam-se a centros urbanos maiores mais frequentemente e (c) a fala dialetal italiana é mais comumente praticada e aprendida na zona rural, espera-se que os resultados obtidos para a variável *Local de residência* sejam expressivos e que a elevação de /e/ seja favorecida por falantes urbanos.

Este grupo de fatores é composto, portanto, da seguinte maneira:

- a) Zona urbana;
- b) Zona rural.

5. Resultados

Foram realizadas quatro rodadas de dados, nas quais alguns fatores foram amalgamados e outros, excluídos. Na primeira rodada, o número total de ocorrências foi de 26288, e o percentual de aplicação da regra foi de 51,3%. Na última rodada, houve

diminuição do número total de contextos, que foi de 25708, e o percentual de elevação foi de 50,7%. Nessa rodada final, houve exclusão dos fatores *consoante africada* e *consoante lateral palatal* em Contexto Fonológico Precedente e de *consoante lateral palatal* em Contexto Fonológico Seguinte. O fator *consoante africada* foi eliminado devido ao fato de induzir a *knockout* e porque se considera que não é a consoante africada a desencadeadora do processo de elevação, mas sim que a vogal elevada é o fator que alimenta o processo de palatalização. A *consoante lateral palatal* foi eliminada da análise devido ao ínfimo número de contextos em que estava presente. As amalgamações realizadas estão dispostas nas tabelas dos resultados de cada variável. Como todas as variáveis foram selecionadas pelo programa estatístico, os resultados serão descritos na ordem em que os grupos de fatores foram apresentados na seção anterior.

5.1 Variáveis linguísticas

5.1.1 Presença de coda na sílaba

Como se pode verificar na tabela abaixo, sílabas com coda favorecem a elevação da vogal /e/, enquanto que sílabas sem coda condicionam negativamente a aplicação da regra.

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Sílaba com coda (chaves, pescoço)	3748/5804	64.6	0.74
Sílaba sem coda (chave, medida)	9274/19904	46.6	0.42
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Figura 2 – Presença de coda na sílaba

Entre os contextos, surgiram três possibilidades de coda: /S/, /N/ ou /R/. Não houve contextos com consoante lateral /l/ como coda silábica, e foram predominantes os contextos com coda nasal ou sibilante, nos quais a aplicação da regra alcançou índices altos.

Em muitos contextos de sílaba fechada por /S/, a vogal média foi apagada. Por exemplo, surgiram ocorrências como *chaves*>*chavs*, *destruir*>*dstruir*. Na codificação, tal fenômeno foi registrado com o símbolo **1**, que marca a elevação. Já que não houve casos de apagamento onde a coda era nasal, o significativo percentual de aplicação da regra, nesse caso, pode dever-se ao fato de existirem muitos dados de sílaba inicial, com coda /N/ e sem *onset* (como *ensino* e *então*). O alto índice de elevação de contextos com coda /S/ também pode ter sido por isso motivado, visto a abundância de contextos como *escola* e *estudo*.

5.1.2 Presença de *onset* na sílaba

Como pode ser observado na tabela a seguir, sílabas sem *onset* favorecem a aplicação da regra, enquanto que sílabas com *onset* são desfavorecedoras.

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Sílaba sem <i>onset</i> (ensino , exige)	4356/4884	89.2	0.83
Sílaba com <i>onset</i> (destino , onde)	8666/20824	41.6	0.40
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Figura 3 – Presença de *onset* na sílaba

Segundo Battisti (1993), a elevação das vogais médias em posição inicial absoluta e com coda /S/ ou /N/ deve-se à confusão no emprego de certos prefixos durante a evolução da língua portuguesa. Na passagem do latim para o português, ao /S/ impuro de início de vocábulo foi acrescentada uma vogal, o que ocasionou uma ressilabação da palavra e fez com que essa consoante passasse a ser coda silábica.

Embora fosse esperado que os falantes de Flores da Cunha apresentassem tendência a manter o /e/ mesmo em posição inicial absoluta seguido de /S/, não se poderia atribuir a preservação da vogal ao contato com a língua italiana, uma vez que, nesse idioma, também há existência de /S/ impuro em início de vocábulo (como *sbaglio* – erro; e *stanco* – cansado).

Percebe-se, portanto, que, mesmo na fala dialetal italiana ou na fala em língua portuguesa com características dialetais, a elevação da vogal /e/ poderia ser considerada categórica em sílaba inicial em que não há *onset* e há coda /S/. Como não existe sílaba similar com /N/ na língua italiana ou nos dialetos falados na RCI, pode-se atribuir os altos índices de elevação de /e/ nesse contexto à questão da confusão entre os prefixos *en-* e *in-*, que, segundo Battisti (1993), já era verificada no português arcaico.

5.1.3 Vogal da sílaba seguinte

Nos estudos de Bisol (1981), Battisti (1993) e Casagrande (2003), a presença de vogal alta na sílaba seguinte favorece a elevação, o que caracterizaria o fenômeno como harmonização vocálica. Neste estudo, o fator *vogal alta* é o único que condiciona favoravelmente a aplicação da regra.

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Vogal alta (medida)	2137/4152	51.5	0.60
Vogal média (sereno)	5226/9460	55.2	0.51
Zero (onde)	3743/8355	44.8	0.46
Vogal baixa (gelada)	1916/3741	51.2	0.41
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Figura 4 – Vogal da sílaba seguinte

Os fatores *vogal média* e *zero* podem ser considerados neutros, enquanto que o fator *vogal baixa* é desfavorecedor à aplicação da regra. A leve discrepância entre o percentual de aplicação e o peso relativo desses fatores deve-se à interação da variável com outros grupos de fatores. No primeiro nível do *step up*, em que as variáveis vão sendo acrescentadas à análise e cada uma é analisada separadamente, os pesos relativos obtidos para os fatores dessa variável corresponderam às frequências de aplicação. Ao chegar ao nível seis do *step up* e interagir com as variáveis *Idade*, *Presença de coda na sílaba*, *Posição da vogal média na palavra*, *Contexto fonológico precedente* e *Contexto fonológico seguinte*, os fatores desta variável já apresentavam valores aproximados aos dispostos na tabela acima.

5.1.4 Posição da vogal média na palavra

Nesta variável, mostrou-se favorecedor o fator *clítico. Postônica final ou não final* teve papel neutro, enquanto que os fatores *pretônica inicial* e *pretônica medial* mostraram-se desfavorecedores à aplicação da regra.

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Clítico (me, se)	6360/8702	73.1	0.71
Postônica final/não-final (nome, pêssego)	3753/8402	44.7	0.49
Pretônica Inicial (pedido)	2245/5340	42.0	0.29
Pretônica Medial (alegria)	664/3264	20.3	0.27
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Figura 5 – Posição da vogal média na palavra

Como não há registro de estudos que tenham considerado a elevação da vogal média anterior átona tanto em posição pretônica quanto em posição postônica, não se podem comparar os pesos relativos aqui obtidos com os encontrados em outras análises. Quanto à frequência de aplicação da regra, porém, o percentual obtido para a elevação em posição postônica final, em outras pesquisas, como as de Roveda (1998) e Vieira (2002), muitas vezes superou 50%, enquanto que, para posição pretônica, apresentou-se como relativamente baixo, como em Bisol (1981), Battisti (1993), Casagrande (2003) e Klunck (2007). Quanto à elevação das vogais médias em clíticos pronominais, a frequência obtida por Brisolara (2008) para a amostra de Porto Alegre foi de 95%, ao passo que, na amostra de 2003-2005 de Santana do Livramento, esse índice não passou de 44%.

Um fato interessante é que a presença do fator *clítico* faz com que o percentual total de aplicação da regra alcance mais de 50%, um valor considerado relativamente alto para a localidade pesquisada. É possível, portanto, pensar que a elevação da vogal média anterior átona é um fenômeno inovador que está impondo-se na fala da comunidade primeiramente através dos clíticos (como *de, me, se, e, em e te*), para depois atingir as pautas postônica e pretônica.

5.1.5 Contexto fonológico precedente

Nesta variável, mostram-se favorecedores à aplicação da regra os fatores *consoante oclusiva velar* e *zero*. São desfavorecedores o grupo formado por *consoante lateral, nasal, vibrante e tepe*, e os fatores *consoante oclusiva alveolar* e *consoante oclusiva labial*. *Consoante fricativa* pode ser considerada fator neutro. Esperava-se que consoantes velares (/k,g/) fossem favorecedoras, uma vez que seu ponto de articulação é próximo ao da vogal /i/.

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Cons. oclusiva velar (querido)	2595/3307	78.5	0.75
Zero (elevador)	4154/4628	89.8	0.58
Cons. fricativa (quase, hoje)	1808/4484	40.3	0.52
Vogal (coelhinho)	202/271	74.5	0.43
Cons. lateral, nasal, vibrante, tepe (mole)	1736/4967	35.0	0.42
Cons. oclusiva alveolar (onde)	2302/6682	34.5	0.38
Cons. oclusiva labial (perigo)	225/1369	16.4	0.28
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Figura 6 – Contexto fonológico precedente

Apesar de seu peso relativo, o fator *vogal*, devido à escassez de contextos, não pode ser considerado favorável ou desfavorável à elevação de /e/. Além disso, há, nesse fator, um enviesamento entre os valores equivalentes à frequência e ao peso relativo. Esse fator, porém, não foi excluído da análise porque se constatou que sua eliminação acarretava o descarte da variável *Presença de onset na sílaba*. Conforme se mencionou anteriormente, alguns fatores foram excluídos desse grupo. Além disso, como mostra a tabela acima, realizaram-se amalgamações (*consoante fricativa alveolar e consoante fricativa palatal, e lateral, nasal, vibrante e tepe*) para que os fatores apresentassem contextos suficientes à análise.

5.1.6 Contexto fonológico seguinte

Inicialmente, eram dez os fatores que compunham esta variável. Ao longo das rodadas, porém, o fator *consoante lateral palatal* foi excluído, dada a escassez de contextos. Os fatores *consoante fricativa alveolar, consoante fricativa alveopalatal e consoante africada* foram amalgamados, bem como os fatores *consoante lateral e vibrante/tepe*.

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Zero (<i>gente</i>)	2791/6637	42.1	0.66
Vogal (<i>teatro</i>)	2254/2872	78.5	0.61
Cons. oclusiva (<i>corredor</i>)	1880/3960	47.5	0.48
Cons. fricativa e africada (<i>evento, mexeu</i>)	2996/6007	49.9	0.47
Cons. nasal (<i>veneno</i>)	2900/4510	64.3	0.38
Cons. lateral, vibrante, tepe (<i>elemento</i>)	201/1722	11.7	0.15
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Figura 7 – Contexto fonológico seguinte

Os fatores *zero* e *vogal* são favoráveis à aplicação da regra, ao passo que *consoante nasal* e *consoante lateral, vibrante, tepe* mostram-se desfavoráveis. *Consoante oclusiva* e *consoante fricativa* mantiveram-se em torno do ponto neutro e, portanto, não condicionam favorável nem desfavoravelmente a elevação de /e/. O enviesamento que pode ser percebido na tabela acima começa a ocorrer já no segundo nível da análise estatística, quando a variável passa a interagir com *Contexto fonológico precedente*.

5.2 Variáveis extralingüísticas

5.2.1 Gênero

Os resultados obtidos para a variável Gênero mantêm-se em torno do ponto neutro.

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Feminino	6900/13226	52.2	0.51
Masculino	6122/12482	49.0	0.48
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.001

Figura 8 – Gênero

O fator *feminino* apresentou frequência e peso relativo levemente superiores aos obtidos pelo fator *masculino*. No entanto, esses valores são tão aproximados que não apontam para nenhuma tendência específica. Tendo em vista que a elevação da vogal média anterior átona é um fenômeno tão sutil que muitas vezes pode passar despercebido ao ouvido dos indivíduos, não se pode afirmar que as formas alçadas detenham maior ou menor prestígio.

5.2.2 Idade

Nesta variável, as faixas etárias mais jovens obtiveram pesos relativos mais altos.

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
18 a 30 anos	3999/6786	58.9	0.61
31 a 50 anos	3400/6253	54.4	0.55
51 a 70 anos	3291/6674	49.3	0.48
71 anos ou mais	2332/5995	38.9	0.32
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Figura 9 – Idade

Os fatores *18 a 30 anos* e *31 a 50 anos* mostram-se favorecedores à aplicação da regra. Enquanto a faixa etária que vai dos 51 aos 70 anos se mostra neutra, o fator *71 anos ou mais* apresenta papel desfavorável à aplicação da regra. O fato de as faixas etárias mais jovens estarem introduzindo a forma inovadora na comunidade pode ser indício de que esteja havendo ali mudança em progresso.

5.2.3 Local de residência

O fator *zona urbana* mostra-se favorecedor, enquanto que *zona rural* é fator desfavorecedor à aplicação da regra.

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Zona Urbana	6848/12647	54.1	0.55
Zona Rural	6174/13061	47.3	0.44
TOTAL	13022/25708	50.7	-

Input 0.522

Significância 0.000

Figura 10 – Local de residência

Os indivíduos da zona rural de Flores da Cunha mantêm contato mais estreito com a língua dialetal italiana, chegando a praticá-la diariamente com seus familiares e vizinhos. Esse fator pode contribuir para que, em língua portuguesa, algumas características dialetais se mantenham, como a preservação do /e/ átono. A vida do habitante rural está fortemente ligada à manutenção das raízes. É na zona rural que a maioria dos almoços e jantares festivos (chamados de menarosto) é realizada. Para a organização desses eventos, grande parte dos moradores das comunidades se engaja, seja na divulgação, na obtenção de recursos, na preparação dos alimentos ou no momento de servir aos visitantes. Já os moradores da zona urbana deslocam-se para outras cidades com mais frequência e praticam menos a fala dialetal italiana.

6. Conclusão

A análise da elevação da vogal média anterior átona (/e/) em Flores da Cunha possibilitou verificar que, dado o moderado índice de aplicação da regra (50,7%), o falar local ainda mantém características do dialeto italiano trazido pelos imigrantes que ocuparam a RCI no final do século XIX. A elevação de /e/ é favorecida pelos jovens e pelos moradores da zona urbana, o que está de acordo com hipóteses do estudo. A variável *Gênero* não apresentou resultados significativos, o que permite afirmar que a elevação de /e/ não é favorecida nem por homens nem por mulheres.

Sílabas com coda e sem *onset* favorecem a aplicação da regra, o que confirma uma das hipóteses do estudo. O fenômeno é, além disso, favoravelmente condicionado por presença de vogal alta na sílaba seguinte, consoante oclusiva velar e zero em contexto precedente, e vogal e zero em contexto seguinte. Verificou-se que a elevação é altamente favorecida pelo fator *clítico*. O significativo peso relativo obtido para esse fator possibilita concluir que a regra, em termos linguísticos, está sendo introduzida na fala da comunidade primeiramente por meio dos clíticos, e não quando a vogal /e/ é postônica, como era esperado. De modo geral, os resultados obtidos estão adequados às hipóteses do estudo e permitem afirmar que, em Flores da Cunha, está ocorrendo mudança em progresso.

Referências

- BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BRISOLARA, L.B. O status prosódico dos clíticos pronominais do português. Anais do CELSUL. GT Teorias fonológicas e suas interfaces. 2008.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 31.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 [1970].
- CASAGRANDE, G.P.B. *Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- CHESHIRE, J. Sex and gender in variationist research. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.
- Flores da Cunha. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Flores_da_cunha. Acesso em 12/01/2010.
- FROSI, V.M.; MIORANZA, C. *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul: EDUCS, 1975.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em 12/01/2010.
- KLUNCK, P. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford/Malden: Blackwell, 1994.

MANFROI, O. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.

ROVEDA, S. D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano*. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SCHWINDT, L.C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SILVA, S.M. da. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

VIEIRA, M.J.B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.